

Fome e doença arrasam índios no Amazonas

O povo deni, da região do Juruá, evita se procriar. Casos de câncer aumentam entre os saterés-maués. Nove ticunas cometem suicídio

Severino Neto

Quinta-feira, 21 de novembro. Na Casa do Índio, localizada no quilômetro 25 da estrada AM-010 (que liga Manaus a Itacoatiara), os freezers estavam vazios. Para alimentar os 40 pacientes e seus acompanhantes, a administração da Casa teve que matar dois carneiros. Porém, a criação é pequena e o gerente da casa, Raimundo Catarino Campos Cerejo, sairá à tarde em busca de alimentos na sede da Fundação Nacional do Índio (Funai).

Um funcionário, que preferiu não se identificar, disse que os

problemas na Casa do Índio arastam-se há cinco meses e que não são raros os dias em que falta alimentação na casa. "O problema sempre se agrava mais no final de ano. E por isso que nesse período a casa só recebe pacientes mais graves. Entretanto, para as pessoas doentes de tuberculose, há uma cota controlada, para que não fiquem sem alimentação", disse.

Na semana passada o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) teve que desembolsar dinheiro para pagar quatro passagens de índios Deni do rio Xerua, região do rio Juruá, Centro-Oeste do Amazonas, porque corriam o risco de

ficar abandonados em Manaus. Os nativos estavam na cidade para tratamento de saúde na Casa do Índio e haviam recebido alta. Porém, não tinham recursos para voltar às suas comunidades.

O vice-presidente do Cimi, Francisco Loebens, disse que o aumento da fome e as ameaças de morte contra os povos indígenas são apontadas pelo relatório anual da entidade como as principais violências contra os nativos. "Observa-se um crescimento assustador nos números de casos de fome e desnutrição entre os povos. Em 1993, no Brasil, foram identificados 17 mil casos e em 1995 esse número pulou para 106,7 mil", afirmou.

Segundo relatório do Cimi em conjunto com a Fundação Nacional de Saúde (FNS), do mês de abril, em 23% dos 291 índios Deni foi constatado tuberculose, houve suspeita ou a pessoa já tinham se tratado contra o bacilo. 49% da população está com anemia leve ou aguda. O problema foi detectado em toda faixa-etária de zero a 59 anos.

"Os indígenas pararam de produzir alimentos e trabalham extraíndo madeira ou latex no interior da mata. O trabalho pesado associado à péssima alimentação torna seus organismos presas fáceis da doença", afirma a chefe do Setor de Saúde do Cimi, Nicole Freris.

Divisão territorial preocupa

O Conselho Indigenista Missionário (Cimi) está preocupado com a proposta de divisão territorial do Amazonas, porque pelo projeto, 70% do território Federal do Alto Solimões e 60% do Alto Rio Negro, são propriedades indígenas. O temor é que as autoridades que defendem a divisão do Estado usem o mesmo argumento para diminuir as áreas indígenas usadas contra os nativos que habitam o estado de Roraima, que são acusados de serem impedimentos para o desenvolvimento da região.

"O desenvolvimento que é bom para o branco não serve para o índio. O nativo precisa de espaço para caçar, pescar e plantar", afirma o coordenador do Cimi, Miguel Feeney. Segundo o relatório anual do Cimi, nos últimos anos o número de suicídios entre os índios Guarani-

Kaiowá, que habitam o Mato Grosso do Sul, vêm aumentando de forma assustadora, porque fazendeiros estão se apossando das terras indígenas. "Os índios estão confinados. Isso provoca desespero que sempre tem levado ao suicídio. Em 94 foram 24 e em 1995 o número chegou a 55. Isso é assustador", afirma.

Segundo Feeney, pela proposta de divisão, o território do Alto Solimões terá 13,1 milhões de hectares, dos quais 9,5 milhões são áreas que pertencem secularmente aos índios. No território do Alto Rio Negro, dos 23,9 milhões de hectares, 14 milhões são terras dos nativos. No alto rio Negro vivem 19 povos espalhados por dez áreas e o alto Solimões é habitado por oito povos, com os quais os órgãos indigenistas mantêm contato e vários povos que ainda vivem isolados.

Denis não queriam mais procriar

Com grande parte de sua população acometida por alguma doença - tuberculose, anemia, malária e esplenomegalia (inchaço do baço causado pela malária), DST e sem expectativa de vida, os índios Deni estavam se recusando a procriar, por não verem perspectivas para seus filhos. A situação ficou tão grave que os órgãos ligados às questões indígenas, como o Conselho Indigenista Missionário - CIMI chegaram a pensar que seria o fim da nação.

No mês de março, em carta encaminhada aos principais órgãos de saúde, vários índios fizeram um apelo desesperado: "nosso povo continua morrendo, morre mais do que nasce, precisamos de ajuda". A carta foi assinada por doze índios que temiam ver acontecer entre seu povo a mesma situação do final da década de 70, quando 85 Deni morreram vitimados pela tuberculose.

Segundo o coordenador Regional do Cimi, Miguel Feeney, hoje a situação ainda é difícil, mas já está bem melhor. A entidade mantém contatos permanentes com a nação e está desenvolvendo um trabalho na tentativa de restabelecer os nativos não só fisicamente, mas tam-

bém, psicologicamente. Dentre os trabalhos articulados pelo Cimi, está o projeto em uma reserva extrativista de borracha, onde os índios, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama) e a comunidade de Mandioca trabalham em conjunto, no município de Carauari.

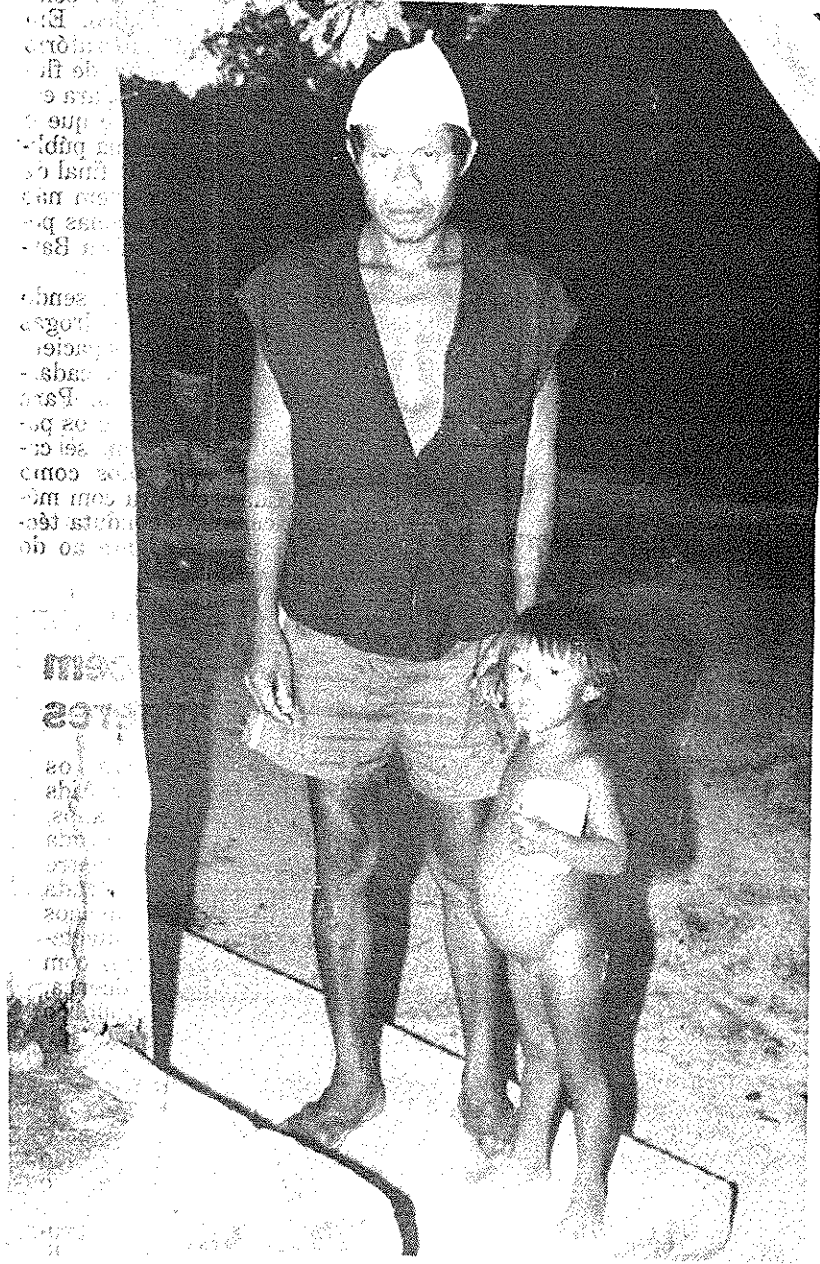
Câncer Mata Saterés - Outros povos que vêm chamando a atenção das organizações e autoridades ligadas aos indígenas são os Saterés-Maués (habitantes dos municípios de Maués, Barreirinha e Párintins, no Leste do Estado) e os Ianomamis, que vivem na fronteira com Roraima. Entre os Saterés o índice de pessoas que contraíram câncer, vêm aumentando. Neste ano, a casa registrou três óbitos.

Quanto aos Ianomamis, o relatório indica que houve 223 mortes. "É praticamente uma morte por dia", lamenta o coordenador Regional do Cimi, Miguel Feeney. O índice de suicídios entre os Ticunas, habitantes do Alto Solimões, também é grande. Em 1994 foram registrados nove casos. Em 1995 só houve uma tentativa e um suicídio.



Fotos: José Sarav

Mãe e filha buscam apoio na Casa do Índio



Índio Touzinho e filho: falta de condições

Cimi denuncia trabalho escravo

Em relatório de viagem recente aos Deni, os membros do Cimi denunciam na região o trabalho escravo executado pelos indígenas, na extração de madeira de sua própria terra. O documento revela que as relações trabalhistas na região hoje, em nada difere do período áureo da borracha no início do século e acusa políticos e pessoas ligadas ao poder local de usarem os silvícolas, como se fossem seus donos.

"O velho patrão dos Deni, Raimundo Lopes, continua explorando como se nada tivesse mudado nestas últimas décadas. No primeiro semestre deste ano, o igarapé Reze-má ficou engarrafado com toras do senhor Lopes, enquanto os Deni ficaram devendo ao patrão. A explo-

ração de madeira continua até a cabeceira do rio Xerua. Contudo os maiores beneficiados dessa devastação florestal são o prefeito do município de Itamarati e Valdemar Moraes, dono de uma serraria em Carauari", diz o relatório.

A população Deni é de 291 habitantes, espalhados por cinco aldeias. Sua área é de 998 mil hectares, atualmente delimitada e em processo de demarcação. De acordo com dados do Cimi, foi comprovado e estão com sintomas de tuberculose 39 Deni, 28 pessoas já foram tratadas contra a doença. 132 estão anêmicos e 181 possuem baços grande com até 12 centímetros. Um baço normal não é "apalpável".



A Casa do Índio está servindo de abrigo aos doentes